

NICOLAU SEVCENKO

# Futebol, metrópoles e desatinos



"Prrrrriiii!

- Aí, Heitor!

A bola foi parar na extrema esquerda. Melle desembestou com ela.

A arquibancada pôs-se de pé. Conteve a respiração. Suspirou:

- Aaaaaaaah! (...)

Em torno do trapézio verde a ânsia de vinte mil pessoas. De olhos ávidos. De nervos elétricos. De preto. De branco. De azul. De vermelho.

Delírio futebolístico no Parque Antártica.

Camisas verdes e calções negros corriam, pulavam, chocavam-se, embaralhavam-se, caíam, contorcionavam-se, esfalfavam-se, brigavam. Por causa da bola de couro amarelo que não parava, que não parava um minuto, um segundo. Não parava.

- Neco! Neco!

Parecia um louco. Driblou. Escorregou. Driblou. Correu. Parou. Chutou.

- Gooooooooool! Gooooooooool! (...)

- Aleguá-guá-guá! Aleguá-guá-guá! Urrá-urrá! Corinthians!

Palhetas subiam no ar. Com os gritos. Entusiasmos rugiam. Pulavam. Dançavam. E as mãos batendo nas bocas:

- Go-o-o-o-o-o-ol! (...)

A exaltação decresceu como um trovão. (...)

- Quantos minutos ainda?

- Oito.

Biagio alcançou a bola. Aí, Biagio! Foi levando, foi levando. Assim, Biagio! Driblou um. Isso! Fugiu de outro. Isso! Avançava para a vitória. Salame nele, Biagio! Arremeteu. Chute agora! Parou. Disparou. Parou. Aí! Reparou. Hesitou. Biagio! Biagio! Calculou. Agora!

Preparou-se. Olha o Rocco! É agora! Aí! Olha o Rocco! Caiu.

- CA-VA-LO!

Prrrrriiii!

- Pênalti!

O medo fez silêncio.

Prrrrriiii!

Pan!

- Gooooooooool! Corinthians!

- Quantos minutos ainda?

Pri-pri-priiiiiiii!

- Acabou, Nossa Senhora!

Acabou. (...)"



NICOLAU SEVCENKO  
é professor  
do Departamento  
de História da  
FFLCH-USP, e autor  
de *Orfeus Extáticos*  
na Metrópole, *São*  
*Paulo Sociedade*  
*e Cultura nos*  
*Frementes*  
*Anos 20*  
(Companhia  
das Letras).

**O**conto se chama, laconicamente, "Corinthians 2 X Palestra 1". Como se vê, mais do que um título, isso é um escore. O autor é o escritor e jornalista Antônio de Alcântara Machado. Desde o grande *boom* esportivo de 1919, quando o futebol se tornou uma mania que galvanizou toda a juventude da cidade, o então estudante Alcântara Machado já se destacava como entusiasta, compondo o grupo que criou a Liga Atlética da Academia do Largo de São Francisco, a primeira associação atlética universitária do país. Mais do que divulgar e popularizar os esportes, com destaque para o futebol, o que a Liga se propunha era moldar uma cultura desportiva no sentido mais pleno da palavra. Os acadêmicos cumpriram à risca essa sua determinação, mas Alcântara Machado, por sua própria conta e por conta da percepção arguta que tinha da profunda transformação cultural que engolfava a sociedade paulista, foi muito, muito além.

O texto acima é um primor de concisão, ritmo e vibração. Ao mesmo tempo é fundamentalmente visual. É quase só imagem, movimento e ruído. Verbos, interjeições e onomatopéia. Só há um modo de ler esse texto: em voz alta, de um fôlego só, com o frenesi apaixonado de um locutor de futebol. Mas note-se: essa profissão ainda não existia - o que torna o fluxo arrebatado de Alcântara Machado numa espécie de discurso premonitório ou elocução congenial à essência energética e passional do esporte. O escritor intuiu e deu forma literária ao âmago mesmo do fenômeno. Há pois uma indiscutível descontinuidade entre essa escrita do contista-locutor-torcedor e literatura que a precede historicamente. Essa é uma escrita de ênfase física, voltada para os sentidos, os nervos e os músculos, não mais para o intelecto, a sensibilidade e os sentimentos. Alcântara Machado procura se comunicar com o corpo em sua presença concreta, não com o intelecto em sua dimensão mental abstrata.

O texto de Alcântara Machado é um documento de singular valor para se refletir sobre o impacto que o advento dos esportes teve sobre a cultura no século XX. As diferentes modalidades esportivas atuais tiveram sua origem, em geral, a partir de transformações, combinações e adaptações

de inúmeras práticas lúdicas arcaicas, algumas populares outras aristocráticas. Essas práticas podiam ter o sentido de lazer e entretenimento, como a caça (*game*) para as classes armadas ou as brincadeiras de roda para os grupos populares. Mas seu caráter essencial mantinha sempre um sentido ritual, com conotações estamentais, cerimoniais e confirmatórias de papéis e simbolizações sociais. A invenção dos esportes em fins do século XIX, embora tenha se alimentado dessa tradição, deu origem a coisa completamente diversa. O que caracteriza por excelência essa nova atividade é a pressão dos desempenhos contra o rigor do cronômetro, a circunscrição precisa do espaço da ação, a definição de regras fixas e padrões de arbitragem e sua institucionalização em ligas locais, nacionais e internacionais. Desempenhos medidos na linguagem abstrata dos números, desenvolvidos num espaço abstrato, num tempo padronizado, segundo um andamento meticulosamente normatizado e configurados numa escala global. O clímax dessas práticas metodizadas se cristaliza nas Olimpíadas e nas Copas do Mundo de futebol.

É claro que alguém se lembrou de comparar essas novas atividades com os antigos jogos olímpicos dos gregos da época clássica, tentando assim estabelecer uma ponte direta entre aquele momento de fastígio civilizacional, tomado como a fonte mesma da grandeza histórica e do destino manifesto do Ocidente, e o atual momento da expansão e domínio imperial europeu sobre toda a superfície do planeta. Foi por isso que o âmbito internacional das competições esportivas foi batizado de Olímpico e se criou um pastiche do transporte da tocha olímpica a partir do solo grego. Mas mesmo à mais superficial das observações não podem escapar as diferenças irredutíveis que separam os atuais esportes dos jogos gregos. Para os antigos povos helênicos, aquele era um festival essencialmente religioso, cuja função era evocar a presentificação do fluxo energético e fertilizador do cosmos, o *nous*, no corpo jovem e viril de alguns guerreiros, através do ritual sacrificial da *agonía*, a disputa. Por isso os corpos jovens e nus daqueles guerreiros que, na plenitude do seu vigor físico, se demonstraram possuídos do *nous*, eram eternizados em pedra e venerados pelo

que sua imagem incorporava de divino.

No caso dos esportes, todo o sentido da ação converge para um efeito de maximização de um padrão de produtividade. Por isso o resultado tem sempre que ser numérico: Corinthians 2 X Palestra 1; 100 metros rasos em 9,89 segundos; nocautes aos 2 minutos e 33 segundos do 7º assalto, etc. Aliás, nada mais revelador nesse sentido do que o fato de que tenha sido um atleta fanático por todas as práticas desportivas, ele próprio um alpinista famoso e depois autor do primeiro e até hoje melhor método para o treinamento racional de tênis, quem inventou o gerenciamento industrial científico e as linhas de montagens, Frederick Winslow Taylor. Nem menos sintomático é o fato de que tenha sido exatamente no contexto da Primeira Guerra que o gerenciamento científico e as linhas de montagem encontraram as condições ideais para a sua rápida e inelutável difusão por todo o mundo, como um meio de maximizar a produção, multiplicando a oferta e rebaixando os custos de forma drástica. Também nesse contexto é que as atividades atléticas tiveram o seu *boom*, compreendidas como um segredo militar para a adequada preparação das tropas em vista das condições de combate. O final da Guerra foi simbolicamente celebrado com uma grande Olimpíada militar, envolvendo todos os efetivos dos exércitos vitoriosos. Em função da grande publicidade desses eventos na imprensa internacional é que se deve compreender a explosão da mania desportiva que tomou de assalto várias cidades por todo o mundo logo após a Guerra, inclusive São Paulo em 1919, levando o nosso acadêmico de Direito Antônio de Alcântara Machado a participar da fundação da primeira Liga Desportiva Estudantil do país.

As comparações e contextualizações nessa linha não param de se multiplicar. Por exemplo, não é tampouco casual que com a rápida difusão dessas novas fontes de energia e suas respectivas tecnologias, a eletricidade e os motores de combustão interna movidos a derivados de petróleo, na segunda metade do século XX, tenham acompanhado paralelamente uma intensa expansão do comércio e processamento industrial de outras fontes, nesse caso pessoais e individuais, de ener-

gia e excitantes, bebidas alcoólicas, refrigerantes aditivados com estimulantes, tabaco, açúcar, cacau e, sobretudo, café. Numa clara demonstração da destinação individual desses produtos e de seu ajustamento com as necessidades de otimização e aceleração do desempenho industrial, o tradicional vinho é substituído pela cerveja engarrafada, o tradicional charuto pelo cigarro, o tradicional chá pelo cafezinho, de preferência com bastante açúcar e acompanhado de uma bala de hortelã ou um bombonzinho de chocolate com recheio de licor. Em caso de calor, o cafezinho pode ser substituído pela coca-cola. Para casos de excesso ou sobrecarga, nesse mesmo momento se dá a providencial invenção da aspirina.

Outro dos componentes da Revolução Científico-Tecnológica desencadeada ao redor de 1870 foi a rápida expansão das grandes cidades, dando origem às metrópoles e megalópoles contemporâneas. Esse fenômeno foi decorrente das migrações em massa provocadas pelo alcance global das novas tecnologias, que na sua fome por novas fontes de matérias-primas e mercados abrangiu todos os territórios da superfície do planeta numa feroz e cúpida corrida imperialista. Pressionadas pelas novas tecnologias que destruíam os modos de vida tradicional, reduziam a necessidade de mão-de-obra, valorizavam terras, rios, montanhas e mares e levavam ao colapso civilizações inteiras, por mais milenares e sagradas que fossem suas bases, populações imensas foram deslocadas de seu hábitat e postas a vagar pelo mundo ao sabor do mercado internacional de mão-de-obra, arrastadas pela velocidade dos novos transatlânticos, no maior movimento migratório jamais registrado na história. Essas dezenas de milhões de seres humanos eram atraídas e dragadas pelas novas fronteiras econômicas em expansão, a pecuária na Austrália e na Argentina, os minérios no Chile e na África do Sul, o petróleo no oeste americano, o ouro no Alaska, a monocultura nos Estados Unidos e no Canadá, o café no Brasil. Mas mais e mais, o destino inicial ou secundário dessa avalanche humana eram as grandes cidades tomadas de um prodigioso surto industrial. Os índices de crescimento urbano nesse período passam a ser espetaculares, as condi-



ções de vida nas novas metrópoles, porém, tornam-se dramáticas, aflitivas e, sobretudo, perigosas.

Diante desse quadro e dos imperativos que ele suscita, é que foram engendradas a arte, a ciência e a tecnologia do urbanismo. A gestão de uma grande cidade se torna um complexo processo de administração de fluxos. Desde a infra-estrutura de fornecimento de água, eletricidade, gás, esgotos, aos sistemas de abastecimento de gêneros e produtos, os circuitos de distribuição e direcionamento do tráfego conforme as flutuações de demanda e horários de pico, o planejamento das zonas urbanas segundo usos e funções, os serviços de segurança pública, os equipamentos de lazer e entretenimento, os programas de saúde, educação e assistência social, as políticas de emprego e habitação, tudo passa a ser gerido por uma pequena elite técnica, detentora de um conhecimento altamente especializado, a qual decide não só sobre o destino geral, mas sobre as menores práticas cotidianas de cada cidadão. Adaptar portanto esse mesmo cidadão aos sistemas, rotinas e automatismos desse grande e complexo aparato metropolitano passa também a ser um problema das autoridades dirigentes, devendo ser tecnicamente resolvido segundo competências superiores. Para se tomar um único exemplo, atravessar uma avenida expressa, especialmente em horário de *rush*, é um ato ousado que demanda uma sofisticada combinação de instintos, reflexos, coordenação motora e disciplina de atos concatenados. Como essa combinação complexa nos é incorporada desde cedo na vida, é muito difícil por isso atentar para o quão exigente esse pequeno ritual cotidiano pode ser. Basta porém imaginar as reações dessa criatura que as metrópoles inventaram, o “caipira”, para se avaliar o caos que significa alguém solto no interior da megalópole que não esteja adequadamente treinado para responder, automaticamente e sem parar para pensar, às suas solicitações de aceleração de fluxos. Para piorar um pouco o quadro e realçar o seu potencial de risco, pense-se no “caipira” solto na megalópole não a pé, mas num carro superesporte num fim de tarde de uma sexta-feira.

Por essa razão, portanto, e não apenas em função das exigências do ritmo de pro-

dução cadenciado pelas máquinas e de situações de emergência como as guerras ou grandes evacuações, é que as autoridades desde cedo começaram a investir pesado em educação física, atletismo, esportes e disciplina coletiva. Há aí até um sutil jogo de polarizações, dado que, uma vez postas as condições tecnológicas que exigiam uma automação das reações físicas e reflexos humanos, houve uma tendência adaptativa no sentido de buscar um novo condicionamento corporal partindo da própria população, que se predispôs a uma intensificação e diversificação de seus dispêndios físicos, os quais em muitos casos só ulteriormente foram direcionados e formalizados em termos institucionais pelas autoridades ou pela nascente indústria das diversões e entretenimentos baratos. Exemplo disso é a ampla difusão das músicas fortemente ritmadas e sincopadas logo no início da indústria fonográfica, polka, jazz, fox-trot, ragtime, tango, habanera, maxixe, samba, etc. É igualmente perceptível a relação que logo se estabeleceu entre as coreografias das danças populares e os estilos de práticas desportivas em diferentes culturas e sociedades.

Assim, quanto mais cedo uma criança for exposta a esses estímulos de condicionamento, tanto mais fundo e rapidamente eles irão se compor como um repertório inconsciente de reações automatizadas, que irá garantir o perfeito ajustamento deste ser humano às múltiplas contingências e solicitações físicas do ambiente urbano. Embora tudo isso nunca seja explicitado, é no entanto intuitivamente muito claro para essas populações, as quais estão expostas a estímulos dessa natureza que procedem das mais variadas fontes e convergem no sentido de promover socialmente e premiar simbolicamente quem melhor corresponder às demandas da mais completa destreza física, das mais imediatas e precisas reações reflexas e da mais fremente disponibilidade instintual. Essas qualidades se tornam tão importantes, que aqueles que as levam aos seus limites máximos e para além tornam seu desempenho o mais excitante espetáculo para os demais, fazendo disso profissões que estão dentre as de maior prestígio e as mais altamente remuneradas em escala mundial. Elas figuram no topo da hierarquia de valores, no centro das representações simbólicas e projeções desejantes, produzindo a galeria dos

ícones cotidianamente venerados, que sustentam a pulsação reiterativa dos meios de comunicação e tonificam o dia-a-dia estiolado pela rotina dos fatos previsíveis, dos gestos mecânicos e da imaginação impotente. Nesse bravo mundo novo, os reis são os heróis máximos do esporte e do pop, de quem, graças aos esforços dos meios de comunicação social, todos se sentem cortesãos, conselheiros, favoritos e eventuais amantes.

Um dos aspectos mais prodigiosos da história do futebol, desde suas origens, tem sido a rapidez extraordinária da expansão da sua popularidade dentre as massas populares, especialmente no contexto das cidades industriais. O fenômeno além de interessante é bastante revelador, tanto das características mais atrativas deste esporte, quanto do ambiente peculiar criado pelo crescimento acelerado das cidades em processo de industrialização. O fato já é notável desde o momento da organização mais efetiva do futebol como esporte profissional, vinculado a uma entidade coordenadora, a Liga, e programado segundo uma tabela de jogos que ao longo de uma temporada de disputas definiria um campeão final. Isso ocorreu na Inglaterra durante a década de 1880.

Cada uma das grandes cidades industriais inglesas se veria dividida nesse período em duas imensas comunidades rivais, arrastadas ao mais apaixonado estado de loucura, quando os times que as representavam se viam frente a frente nos limites do gramado e dos noventa minutos. Era uma comoção, um remoinho, um cataclisma de nervos arrebatados e corações explodidos, não raro com algumas cabeças quebradas e olhos arroxeados. Era assim quando se enfrentavam, por exemplo, o Manchester United e o Manchester City; o Nottingham Forest e o Nottingham County; o Glasgow Celtics e o Glasgow Rangers; ou em Londres, qualquer partida em que se confrontassem os arquirivais Arsenal, Chelsea e Crystal Palace.

Essas misteriosas e para sempre inconciliáveis divisões ocorriam por diferentes motivos, ora opondo católicos contra protestantes, irlandeses ou gauleses contra anglo-saxões, trabalhadores especializados contra não-especializados, residentes antigos da cidade contra imigrantes recentes e o que mais se imaginar, muitas vezes várias dessas razões agindo ao mesmo tempo. Mas

o fato notável era como a massa da população trabalhadora se via toda ela envolvida, empolgada e ativamente empenhada nas batalhas simbólicas dos campos de futebol. Isso levou o mais célebre historiador da classe trabalhadora inglesa, o professor Eric Hobsbawm, a definir o jogo de futebol como "a religião leiga da classe operária".

Assim, num curtíssimo intervalo de tempo, o futebol conquistou por completo toda a população trabalhadora inglesa e, em breve, conquistaria a do mundo inteiro. Como entender esse frenesi, esse poder irresistível de sedução, essa difusão epidêmica inelutável? Como vimos, parte da explicação está nas cidades, parte no próprio futebol. A extraordinária expansão das cidades se deu, como vimos, a partir da Revolução Científico-Tecnológica, pela multiplicação acelerada da massa trabalhadora que para elas ocorreu em sucessivas e gigantescas ondas migratórias. Nas metrópoles assim surgidas, ninguém tinha raízes ou tradições, todos vinham de diferentes partes do território nacional ou do mundo. Na sua busca de novos traços de identidade e de solidariedade coletiva, de novas bases emocionais de coesão que substituíssem as comunidades e os laços de parentesco que cada um deixou ao emigrar, essas pessoas se vêem atraídas, dragadas para a paixão futebolística que irmana estranhos, os faz comungarem ideais, objetivos e sonhos, consolida gigantescas famílias vestindo as mesmas cores.

O futebol se presta maravilhosamente para consolidar vínculos de identidade plenos de carga afetiva. Em primeiro lugar por ser um esporte de equipe, implicando um número grande e diversificado de funções dentro do campo, exigindo talentos e reflexos específicos, mas que só funcionam bem se casarem e harmonizarem num conjunto coordenado, como uma dança cronometricamente desempenhada. Outros esportes, como as corridas, a natação, o atletismo, as lutas e o levantamento de pesos, se concentram-se em desempenhos especializados e levados aos limites do corpo. Nesse sentido, o futebol se parece mais com o basquete, o beisebol ou o futebol americano. Mas esses todos são praticados sobretudo com as mãos, que na nossa espécie são os membros mais versáteis, o que os torna extremamente rápidos e decididos em reflexos instantâneos. No futebol, a inevitável

imprecisão e maior lentidão do uso dos pés ampliam enormemente os papéis do acaso, do senso de oportunidade, dos deslocamentos e do sentido de conjunto. Essa preponderância do elã coletivo e do efeito coreográfico, assim como a ênfase sobre a habilidade com os pés e o uso malicioso dos movimentos do corpo, diminui ou compensa as exigências do destaque físico, de forma que o jogador não tenha que ser por força extremamente alto ou extremamente forte ou extremamente veloz, o comum mesmo sendo o jogador de futebol ter um porte que corresponda ao padrão físico médio da sociedade a que ele pertence. O que favorece ainda mais tanto a identificação do torcedor com o jogador, como a disposição de qualquer pessoa (até o momento, sobretudo do sexo masculino) de praticar esse esporte, o qual, ademais, não requer material esportivo específico, tudo podendo ser improvisado, do campo à bola, às traves, aos uniformes, com um mínimo de custos e um máximo de emoção e divertimento, além de algumas canelas escoriadas. As várzeas alagáveis e de pouco valor econômico às margens dos rios urbanos e suburbanos, onde em geral se concentram os bairros operários, sempre foram as áreas favoritas para a proliferação dos campos e times improvisados, amadores de fim de semana, e onde treinam intensamente os jovens obstinados, sonhando com a carreira, a consagração e a glória.

Por outro lado, a maior imponderabilidade do futebol, que como vimos é típica e lhe dá uma dimensão imprevisível emocionante, faz com que aumente também o significado e o efeito que a participação das torcidas tem sobre o resultado das partidas. Quem é empolgado por futebol sabe disso: torcida é crucial. São duas situações diferentes mas indissociáveis. Jogar futebol exige um imenso desempenho físico e forte controle nervoso. Torcer implica uma tremenda descarga nervosa, com grande controle físico. No campo, o jogador se alimenta dessa descarga para aumentar a eficácia do seu dispêndio físico. Na platéia, o torcedor frui o desempenho físico do jogador para levar ao clímax a sua descarga nervosa: gooooooooooooooooool!!! Na língua portuguesa, aliás, esse elemento de tensão fica claramente evidenciado pela denominação dada à criatura: o torcedor, aquele

que se torce, se retorce, se contorce, como se seu corpo fosse uma caixa de ressonância reproduzindo e ampliando cada movimento, gesto, esforço, violência ou façanha desempenhada no campo diante de si, de tal maneira que esse efeito de ampliação realizado pelo seu corpo retorne e multiplique as energias dos times no campo. Tanto os jogadores como os torcedores sabem disso e o sentem, mantendo-se numa cumplicidade de correspondência durante toda a disputa, como se ao fim e ao cabo fossem todos uma única criatura de proporções gigantescas. Num estádio ninguém mais é João ou José, pedreiro ou historiador, com contas a pagar, briga na família ou disputa com o empregador. No estádio, pela transmissão e repercussão da mídia, uma nação surge, vibra e luta por noventa minutos, mais descontos.

Nesse sentido, o caso do Brasil é exemplar. Trazido para o Brasil pelos trabalhadores e funcionários ingleses, o futebol se difundiu por dois caminhos. Um foi o dos trabalhadores das estradas de ferro, que deram origem aos times das várzeas, o outro foi através dos clubes ingleses que introduziram o esporte dentre os grupos de elite. Tal como Londres, a cidade de São Paulo ficou até o final dos anos 1920 dividida entre três agremiações arquiinimigas, o Paulistano, o Palestra e o Corinthians. Cada final de campeonato era como uma guerra civil na cidade. Mas o grande elã, o auge da loucura coletiva, eram as disputas entre as seleções do Rio e de São Paulo. Nesse período São Paulo vencia quase sempre. Mas fosse a vitória aqui ou lá, era para fechar o comércio, era feriado, era festa, carnaval, euforia e povo nas ruas. Nada disso contudo se comparava ao furor que se apossou das duas cidades quando, em 1920, o Brasil se tornou campeão sul-americano de futebol. Foi preciso colocar os jogadores vencedores em carro de bombeiro, controlar a multidão com cordas, cães e cacetete e deixar a festa rolar por uma semana inteira.

No começo isso preocupou seriamente as autoridades. Mas em breve, a partir de Washington Luis, que se dizia “governador-desportista”, os líderes políticos foram aprendendo a estimular e tentar tirar proveito desses momentos de catarse e união nacional espontânea, procurando convertê-los em legitimação emocional de

seus próprios projetos políticos. As vitórias nas Copas do Mundo vieram consagrar esse processo. Identidade nacional, futebol, nacionalismo, carnaval e união de todos viraram praticamente sinônimos. Se com o futebol as pessoas tentavam compensar toda a riqueza dos laços afetivos de que se viram privadas pelo advento da Revolução Científico-Tecnológica e das grandes cidades, com a globalização dos meios de comunicação e as políticas de massas, o futebol tem se tornado uma espécie de carta de penhor do populismo, agitada em contrapartida a essa enorme demanda emocional, como se os líderes ao afagarem essa dívida afetiva criassem um sucedâneo simbólico para as carências relegadas com cínica indiferença. Ademais, a paixão da refrega das torcidas sempre incorpora esses elementos de agressividade, virilidade, machismo, vendeta e arrogância que são consubstanciais à simbologia e à dinâmica social do populismo. Foi nesse sentido que o implacável escritor e crítico cultural Lima Barreto apontou, no contexto do pós-Primeira Guerra, a popularização do futebol como uma séria ameaça aos avanços das idéias e instituições democráticas no Brasil. Até hoje não foi perdoado por isso também.

A percepção de como o futebol propicia uma angulação privilegiada para entender o

funcionamento da sociedade de massas de base tecnológica fica entretanto patente no caso de Alcântara Machado como em nenhum outro. Antes de tudo pela reformulação sintática da linguagem, como vimos, transformada por uma operação energética que a mantém não apenas aderida à ação em curso, mas sobretudo atuando como uma vibração fática a partir da qual só os estímulos à atividade corporal e coletiva legitimam seja o discurso seja a comunicação. Nesse mesmo sentido, não deixa de ser sumamente revelador o fato de que Alcântara Machado, pioneiro do futebol e precursor da estética moderna, tenha sido também o primeiro a compreender o papel decisivo dos modernos meios de comunicação para efeitos de mobilização e arregimentação social, vindo a ter um papel crucial na criação da atmosfera eufórica de alistamento e engajamento da juventude paulista na Revolução Constitucionalista de 32, atuando como um irresistível locutor de rádio, cuja voz ressoava por todo o estado de São Paulo. Não se tem as gravações, mas é fácil deduzir que Alcântara certamente auriu seu estilo narrativo dos locutores desportivos, em particular dos irradiadores do futebol. Ou seja, o que ele fazia nada mais era que reverberar o eco de um som elementar, que todos e cada um já traziam enraizado no seu coração, no seio da metrópole.

## BIBLIOGRAFIA

- ALCÂNTARA MACHADO, A. de. *Novelas Paulistas*. Belo Horizonte, São Paulo, Itatiaia/Edusp, 1988.
- BARBOSA, Francisco de Assis. "Nota Biográfica" e "Nota Sobre AAM", in A. Alcântara Machado, op. cit., pp. 18-52.
- EICHBERG, Henning. "Forward Race and the Laughter of Pygmies: on Olympic Sport", in Mikulás Teich e Roy Porter (editores), *Fin de Siècle and its Legacy*. New York, Cambridge, Cambridge University Press, 1990, pp. 115-31.
- FEATHERSTONE, Mike (editor). *Global Culture: Nationalism, Globalization and Modernity*. Londres, Sage Publications, 1992.
- HOBBSBORN, Eric. *Mundos do Trabalho, Novos Estudos sobre História Operária*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- JOHNSON, William (editor). *Sport and Physical Education around the World*. Champaign, Stripes Publishing Co., 1980.
- LIEBERMAN, William S. (editor). *Art of the Twenties*. New York, MoMA, 1979.
- LIMA BARRETO. *Vida Urbana: Artigos e Crônicas*. São Paulo, Brasiliense, 1956.
- RAMOS, Ricardo (org.). *A Palavra É... Futebol*. São Paulo, Scipione, 1990.
- SEVCENKO, N. *Orfeu Extático na Metrópole, São Paulo Sociedade e Cultura nos Frementes Anos 20*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.
- . "Transformações da Linguagem e Advento da Cultura Modernista no Brasil", in *Estudos Históricos*, nº 11, "Os Anos 20", janeiro-junho/1993, pp. 78-88.